
Repressão e Ambiente Social

Richard Ruck*

A psicanálise social – que alguns denominam “sociologia psicanalítica” – trata não apenas da formação social dos fenômenos psíquicos como também dos fenômenos sociais psíquicos. Porém, a questão é mais complexa. Um limite da abordagem psicanalítica é abordar a gênese dos desequilíbrios psíquicos, mas não a situação que incentiva ou ameniza sua reprodução. No caso da psicanálise social, que focaliza a gênese social dos desequilíbrios psíquicos, torna-se fundamental ir além da formação social de tais fenômenos para chegar até seu processo de reprodução, amenizado ou intensificado e isso ocorre num determinado ambiente social. O conceito de ambiente social é fundamental para entendermos esse processo. A sua relação com a questão da repressão também.

Antes de iniciar, é importante destacar o significado de ambiente social. O ambiente social é um termo que tem uma conotação espacial. Quando falamos de “meio ambiente”, estava falando da natureza circundante. É onde vive determinados seres humanos. O termo ambiente remete para aquilo que rodeia e envolve por todos os lados um indivíduo ou qualquer ser vivo. No caso dos seres humanos, é tudo que rodeia e cerca os indivíduos. É o meio ambiente, o conjunto de materiais, seres vivos, etc. que estão cercado estes indivíduos. O ambiente social é semelhante, no sentido de que se trata de todos os seres sociais, relações sociais, símbolos sociais, que cercam um indivíduo. No fundo, nas sociedades complexas, como no caso da sociedade capitalista, podemos dizer que há um ambiente social total e diversos ambientes sociais¹ que cercam os indivíduos. O ambiente social total é a própria sociedade capitalista. Porém, por já existir um conceito para tratar disso, que é o conceito de sociedade, vamos utilizá-lo raramente, pois assume o significado de um sinônimo.

* Autor de *Marxism and Psychoanalysis (Marxismo e Psicanálise)*.

¹ Que, no seu conjunto, são os ambientes sociais agregados, tal como abordaremos adiante.

Além do ambiente social total, temos vários ambientes sociais restritos. A família é um ambiente social. Ela pode assumir formas distintas e mudar historicamente na vida individual. Para a criança, por exemplo, a família é o principal ambiente social, pois ela é o mundo das relações sociais mais significativas para ela, o principal espaço de aprendizagem, de afetividade, bem como a determinante do mundo de objetos que a cerca (brinquedos, móveis, aparelhos eletrônicos, alimentação, etc.). A criança, a partir de certa idade, passa a frequentar outros ambientes sociais, como a escola, a vizinhança, etc. A escola já é um lugar no qual a afetividade é menor, as relações sociais são distintas, tendo as “autoridades” (professores, diretores, etc.), os semelhantes (colegas), formalidades, obrigações, etc. Os jovens possuem ambientes sociais semelhantes (sem desconsiderar os casos atípicos, de crianças e jovens sem família, por exemplo), tal como a família, a escola, a vizinhança (que vai perdendo importância cada vez maior com o crescimento das cidades e desenvolvimento tecnológico), etc. Mas o ambiente social familiar é distinto para o jovem, pois este mudou (já não é mais uma criança) e quer um tratamento diferente e a família também mudou parcialmente sua percepção e sua forma de tratá-lo. As relações sociais na escola não são as mesmas, etc. Há também o ambiente social do trabalho, do lazer, entre outros.

O indivíduo convive, assim, em diversos ambientes sociais, com suas diferenças, hierarquias, etc. As famílias são diferentes em classes sociais diferentes, bem como escolas, trabalho, etc. Logo, o que destacamos até aqui foi a existências de diversos ambientes sociais, suas mutações, suas diferenças, suas hierarquias. Um indivíduo vive numa sociedade determinada, que é o seu ambiente social total, que o atinge. Um indivíduo nos Estados Unidos deve usar o idioma inglês, assim como um indivíduo na Rússia deve usar o idioma russo. Os regimes políticos são distintos em países políticos distintos, bem como a cultura, os hábitos, as tradições, a história, a situação econômica, etc. Todos os indivíduos hoje vivem num ambiente social total que é o capitalismo. Não há como escapar disso. As diferenças acima elencadas são dessemelhanças no capitalismo. E a isso se pode acrescentar as mudanças históricas, pois o ambiente social é diferente no capitalismo livre-concorrencial e no capitalismo oligopolista, duas fases dessa sociedade, assim como ambos são diferentes do capitalismo neoliberal no qual vivemos atualmente.

O ambiente social total determina os demais ambientes sociais, gera problemas, mutações, etc. No entanto, o que nos interessa aqui é principalmente o ambiente social mais próximo do indivíduo. Esse é o nosso foco inicial. O ambiente social mais próximo

é o mais constante, o mais significativo, o mais preponderante e influente sobre o indivíduo. E pode ser apenas um ambiente social ou mais de um, dependendo do indivíduo, seus valores, etc. Embora ele só possa ser explicado pelo ambiente social total, o indivíduo não vive a sociedade em sua totalidade e sim nos locais em que trava suas relações sociais diretas, suas relações interindividuais.

A psicanálise forneceu à família um significado fundamental. Alguns sociólogos também perceberam a importância da família ao cunhar o termo “outro significativo”. Sem dúvida, a família é realmente fundamental na vida dos indivíduos que tiveram este ambiente social (o que exclui os órfãos, por exemplo) e alguns sociólogos conservadores, como Auguste Comte (1890), lhe atribuíram o caráter de “célula da sociedade”. E por qual motivo a família ganha tanta importância? Ora, a começar pelo motivo bem simples que é o fato de ser a primeira instância de socialização das crianças, ser a provedora de suas necessidades básicas, ser a sua fonte de desenvolvimento afetivo, etc. Freud identificou na família, sem afirmar isso textualmente, a fonte dos desejos, complexos, traumas, etc. Basta recordar a célebre tese do “complexo de Édipo” (FREUD, 1960), que, em outras palavras, expressa um conflito familiar que gera um forte sentimento de culpa. A família é o “porto seguro” de grande parte dos indivíduos em nossa sociedade, tal como destacou o sociólogo Peter Berger. E se alguém não tem família ou se ela não cumpre essa função, então o indivíduo se encontra isolado e abandonado. Os vínculos afetivos entre pais e mães e seus filhos, entre irmãos, são elementos que são introjetados na mente dos indivíduos, mesmo que eles façam de conta que isso não existe ou que o seu envolvimento diário com o trabalho, outras relações sociais ou relações interindividuais, promovam afastamento.

Freud e a maior parte dos psicanalistas atribuíram à família a responsabilidade sobre a gênese dos desequilíbrios psíquicos. Sem dúvida, há muito exagero nisso. E isso também pode permitir aos indivíduos lançar mão da razoabilização que promove a culpabilização dos pais por todos os males que acometem certas pessoas, mesmo que ela possa ter, em determinados casos, alguma relação com o que ocorre (dependendo da família, é claro, pois em alguns casos ela é geradora de desequilíbrios psíquicos, em outros, apenas parcialmente e em outros, em praticamente nada contribui, o que remete para outras determinações para além da família).

O ambiente social familiar, independentemente de ser positivo ou negativo para o indivíduo (o que depende de qual família é), é, no entanto, importante no desenvolvimento psíquico e social de todos os indivíduos que possuem uma família. E a

gênese dos desequilíbrios psíquicos é, na maioria dos casos, gerado no seu interior. Isso ocorre tanto por sua importância para os indivíduos, quanto pelo momento em que ela possui mais importância, durante a infância. Porém, o ambiente social familiar também é importante para a reprodução dos desequilíbrios psíquicos (ou outros fenômenos psíquicos), seja no sentido de intensificá-los, seja no sentido de amenizá-los. A superação dos desequilíbrios psíquicos já é algo mais difícil, embora não impossível e, em certos casos, o ambiente social pode ser fundamental para as possibilidades de resolução desses problemas.

É necessário compreender, então, que o ambiente social (não apenas o familiar) pode ser amenizador ou intensificador do sofrimento psíquico ou mesmo de desequilíbrios psíquicos. O ambiente social familiar e o laboral (local de trabalho) estão entre os mais importantes, não só pela convivência e tempo de vida no interior deles, como pela sua importância na vida individual. É por isso que a psicanálise social dá um passo além da psicanálise tradicional ao buscar entender não apenas a gênese do sofrimento e dos desequilíbrios psíquicos, mas também sua reprodução.

Assim, podemos destacar a existência de um ambiente social amenizador e um ambiente social intensificador do sofrimento e desequilíbrio psíquico. O ambiente social amenizador é aquele que gera satisfação socioafetiva e/ou social (indo além da afetividade) e condições de transvasamento social. Nesse ambiente, a persona é relativamente realizada, relações afetivas e de amizade estão estabelecidas, processos de cooperação existem, bem como valores autênticos e sentimentos simpáticos. Além disso, existe condições, nesse ambiente, para transvasamento das energias psíquicas do inconsciente através de satisfações substitutas. O ambiente social intensificador é aquele no qual há insatisfação socioafetiva e social e falta de condições para transvasamento social. Ele é marcado pela insatisfação social (persona sem realização, isolamento, relações frias, competição) e impedimento de transvasamento social (emergência e reprodução de satisfações substitutas).

Obviamente que a questão socioafetiva se concretiza, fundamentalmente, no ambiente social familiar e raramente ou com intensidade menor nos demais ambientes sociais. A satisfação social pode ser aquela que coincide com a existencial ou psíquica ou pode ser aquela que lhe é oposta. No primeiro caso, temos a autorrealização e seu reconhecimento social e, no segundo, o desenvolvimento da persona em detrimento da autorrealização. Esses processos ocorrem, geralmente, no ambiente laboral, nas relações de trabalho, mas também nas atividades civis e políticas, tendo presença também no

ambiente familiar. Além dos vários ambientes sociais, há, obviamente, a importância da sociedade (ambiente social total) e o indivíduo recebe o impacto do conjunto de ambientes sociais agregados, ou seja, aqueles nos quais vive. A questão do ambiente social será retomada adiante.

A repressão é um processo social no qual a sociedade (ou algum ambiente social específico, seja reproduzindo-a, como é o mais comum, seja por dinâmica própria) exerce a ação de reprimir o indivíduo. O caso mais comum é o da repressão sexual, mas ela se estende para muito além disso, tal como a repressão da criatividade, da imaginação, etc. A repressão é algo negativo, é um impedimento. Por exemplo, os jovens são reprimidos sexualmente, seja através da censura, dos obstáculos, da moral, etc. As crianças, em muitos casos, possuem sua imaginação reprimida, devido ao chamado à realidade, seja dos pais ou professores. Geralmente a repressão vem acompanhada da coerção. A coerção é algo positivo, ou seja, afirmativo, que gera uma ação, ao invés de impedir ou negar alguma conduta. Ela é a imposição de um comportamento, ação, ideia. Assim, se a criança tem sua imaginação reprimida, ela tem, ao mesmo tempo, a “racionalidade” ou a “religiosidade” incentivada.

A repressão é social, é externa ao indivíduo. Ela pode ocorrer via condenação, discurso, moral, castigo, ação concreta de impedimento, etc. Ela pode gerar o recalçamento. Esse é um fenômeno psíquico, que ocorre sob forma não-consciente. Uma criança, pelos discursos e práticas repressoras, pode desenvolver, em sua mente, o recalçamento do reprimido, não reincidindo nos mesmos atos (ou pensamentos ligados a tais atos). O recalçamento gera um aumento de acúmulo de energia psíquica no inconsciente, que pode promover o seu transbordamento para a sombra ou na persona. Quanto maior a repressão, maior o recalçamento. Quanto maior o recalçamento, maior a possibilidade de transbordamento sob a forma de energia destrutiva (sombra) ou construtiva (persona).

Porém, a questão da repressão e do recalçamento é mais complexa. A repressão gera um recalçamento que significa um aumento de energia psíquica inconsciente, o que, por sua vez, ao exceder o limite, transborda, seja no sentido da sombra ou da persona (ou, em certos casos, de ambos). A complexidade, que a maioria dos grandes psicanalistas não percebeu, é que uma vez que o excesso de recalçamento pode transbordar em sombra, essa energia destrutiva, ao se manifestar, pode gerar nova repressão e recalçamento. Por outro lado, se transbordar em persona, a aceitação social é maior e a repressão menor, mas, isso pode não ocorrer. Isso ocorre quando um indivíduo realiza algo socialmente

relevante, criativo, etc., mas não obtém nenhum reconhecimento social nos ambientes sociais agregados, gerando insatisfação². Assim, o não-reconhecimento em alguns casos, ou o reconhecimento restrito, em outros, tornam o efeito do transbordamento para a persona sem eficácia, o que significa que o transbordamento tenderá a se materializar em sombra. Isso é muito comum em intelectuais e artistas fracassados, tal como ocorreu com o próprio Hitler. Assim, os indivíduos podem desenvolver a sombra, a energia destrutiva, e isso será motivo de nova repressão. Quando gera atos concretos, pode gerar até mesmo repressão policial. Os indivíduos que exercem agressão física ou destruição de objetos, especialmente bens considerados “públicos”, podem ser punidos pelo seu crime.

A complexidade aqui, se revela no fato de que alguns autores não compreenderem que nem toda repressão e recalçamento é condenável. As perversões sexuais, o homicídio e todas as formas de agressão física, os atos violentos em geral, etc., devem, efetivamente, ser reprimidos³. Obviamente que isso exclui as formas amenas de manifestação da sombra, especialmente quando não atingem os demais seres humanos (como no exemplo dos indivíduos que descarregam suas frustrações e sombra em videogames), pois uma vez que isto seja reprimido, aumentará ainda mais o recalçamento e a sombra. Mas, mesmo nos casos em que a repressão é necessária, por prejudicar outros seres humanos, ela terá o mesmo efeito, tornando a pessoa tendencialmente mais destrutiva ainda, a não ser que consiga realizar suas potencialidades ou desenvolver sua persona. Um indivíduo que não consegue realizar nenhuma das suas potencialidades é caracterizado por um forte

² Isso é relativamente comum na sociedade capitalista, pois a primazia do dinheiro e da competição, por um lado, bem como o pouco espaço para todos os indivíduos, já que as vagas, os recursos, o sucesso, a fama, a riqueza, o poder, entre outros elementos ambicionados pelos indivíduos, são escassos e apenas uma minoria consegue. Por outro lado, se os valores dos indivíduos nessa situação são os dominantes, então eles tendem a querer cada vez mais sucesso e reconhecimento, o que significa não se satisfazer com um menor sucesso (por exemplo, nos ambientes sociais mais próximos, como familiares e relações de amizade). Nesses casos, nos quais os valores competitivos e a ambição são excessivos, então o sucesso relativo não será suficiente e será motivo de transbordamento para a sombra. Um apoio psicanalítico, nesses casos, seria a tentativa de alteração de valores e objetivos na vida, o que é difícil no capitalismo, mas é o único caminho para uma recuperação mental nesse contexto. Nesse processo, a luta pela transformação social assume um significado não só de novos objetivos e valores, como relações sociais mais autênticas, como também de vã esperança de grande sucesso ou reconhecimento social, além de proporcionar a possibilidade de superação dessa situação que coloca o indivíduo nessa posição e condição psíquica.

³ Isso significa que nem tudo que é reprimido deve ser liberado. A definição de inconsciente em Erich Fromm (1962) padece desse equívoco. Marcuse (1987) é ainda mais equivocado, especialmente por não ser um equívoco apenas conceitual, mas uma posição, tal como a defesa da liberação das perversões sexuais. O que deve ser liberado é a repressão das potencialidades humanas e não tudo que é reprimido. O que Marcuse não percebe é que a perversão sexual é, ela mesma, produto da repressão sexual ou de traumas e que por isso não é a manifestação daquilo que pode libertar realmente o indivíduo. Isso emerge em sua obra devido sua oposição ilusória entre indivíduo e sociedade, biológico e cultural, sendo que ele demonstra não compreender direito nenhum desses polos.

desequilíbrio psíquico e se não consegue nenhuma satisfação substituta, mesmo que seja extravasar sua violência, atinge o grau máximo de desequilíbrio, tornando-se um caso grave e que popularmente ficou conhecido como “loucura”, perdendo o nexo com a realidade.

Assim, existe um *quantum* de repressão que os indivíduos suportam e geram satisfação substituta, mas, a partir de certo limite, isso se torna insuportável. A mais-repressão é esse processo de ultrapassar os limites suportáveis pelos indivíduos. Assim, podemos dizer que existe uma repressão branda, que é inevitável nas sociedades de classes, gerando um inconsciente que expressa o recalçamento brando das necessidades e potencialidades dos indivíduos. Existe, no entanto, uma repressão intensa, que também é inevitável nas sociedades classistas, embora mais comum na sociedade capitalista, que gera o transbordamento e a constituição da sombra e/ou da persona. Porém, na sociedade capitalista, mais especificamente e de forma mais generalizada, emerge a mais-repressão, que ultrapassa os limites suportáveis pelos indivíduos e pode gerar uma sombra forte e dominante na mente individual.

No primeiro contexto, é algo suportável e que gera processos psíquicos específicos, mas somente em alguns casos gera desequilíbrios psíquicos mais graves, ou seja, quando é acompanhado por processos sociais concretos, como frustração, relações conflituosas, traumas, etc. No caso da repressão intensa, há a constituição de desequilíbrios psíquicos graves, especialmente quando não se desenvolve uma persona ou essa não consegue constituir satisfação substituta, o que é mais comum no capitalismo devido sua especificidade (competição, valores dominantes, etc.). No caso da mais-repressão é inevitável os desequilíbrios psíquicos graves e sua possibilidade de se tornar gravíssimo⁴.

Porém, esse processo pode ser amenizado ou intensificado dependendo dos ambientes sociais agregados nos quais os indivíduos vivem e travam suas relações sociais. Nos casos de repressão branda, um ambiente social amenizador ou eles em seu conjunto, pode gerar uma situação psíquica sem maiores desequilíbrios. Se alguns dos ambientes sociais for intensificador, mas for compensado por outros amenizadores, então o equilíbrio psíquico tende a se manter.

⁴ Esses talvez não sejam os termos mais adequados, mas, provisoriamente, servem para explicitar o que queremos dizer. Os desequilíbrios psíquicos graves são a psicose, a neurose, entre outros. Os desequilíbrios psíquicos gravíssimos, são a psicopatia, a esquizofrenia, entre outras.

Claro que isso depende da intensidade e da quantidade, bem como de outras determinações (problemas de saúde, frustrações, falecimentos de pessoas significativas, constituição física, etc.). Assim, para entender o indivíduo é necessário entender não apenas o grau de repressão e o conjunto de ambientes sociais em que vive, mas também a situação individual, o que remete para elementos mais duradouros, como suas condições de vida, condições físicas, personalidade⁵, bem como a sua situação e relações em cada momento de sua vida.

Um indivíduo que sofre repressão branda e vive em ambientes sociais amenizadores (ou pelo menos parte mais significativa para ele) consegue manter o equilíbrio psíquico com relativa facilidade, sendo que os desequilíbrios são escassos e moderados. Porém, se os ambientes sociais em que vive, especialmente os mais significativos para ele (ou são quase todos ou, ainda, são os que passa a maior parte do tempo), são intensificadores, então ele pode desenvolver desequilíbrios psíquicos mais graves, dependendo da continuidade e da situação individual acima aludida. Ou seja, se o indivíduo possui repressão branda, então o desenvolvimento de desequilíbrios psíquicos graves se constitui quando os ambientes sociais em que vive são intensificadores e, mais ainda, se sua situação individual for desfavorável. Isso quer dizer que a repressão branda – que se constitui em determinado momento da vida, mas que pode se desfazer dependendo do caso e história de vida posterior do indivíduo – emerge geralmente, com mais força e permanência posterior, na infância e início da juventude, e seus efeitos podem ser amenizados ou agravados, sendo que alguns podem ser superados, tendem a serem minimizados ou desaparecerem em ambientes sociais amenizadores, especialmente se forem significativos e em grande quantidade. Por outro lado, se os ambientes são intensificadores, então a tendência é que tais efeitos acabem se fortalecendo e a possibilidade de desenvolvimento de desequilíbrios psíquicos mais graves é mais elevada, mas que dependem do indivíduo e suas outras determinações (condição física, condições de vida, momento, mentalidade em sua totalidade, etc.).

O indivíduo que sofre uma repressão intensa já se encontra numa situação diferente. Se ele vive em ambientes sociais amenizadores (ou a maioria, ou, ainda, pelo menos os mais significativos), então pode manter um certo equilíbrio psíquico⁶. Isso

⁵ A personalidade, como colocamos em outra oportunidade (*Marxism and Psychoanalysis*), é o conjunto do universo psíquico do ser humano e sua singularidade e essencialidade.

⁶ Não esquecendo, aqui, as outras determinações, tais como as condições de vida, condições físicas, personalidade e momento da vida. Isso significa que se essas outras determinações forem desfavoráveis, isso será bem difícil. Contudo, algumas delas podem ser favoráveis e outras desfavoráveis e somente a

depende de inúmeros processos, tal como o desenvolvimento da persona e as demais determinações, mas é um ponto de estabilidade e favorável para o não desenvolvimento de desequilíbrios psíquicos graves. Se as demais determinações são desfavoráveis, então a tendência é que ele desenvolva desequilíbrios psíquicos graves, mas isso depende do conjunto dessas determinações. Assim, se ele consegue um sucesso profissional, embora recebendo salário inferior ao que julga merecer, entre outros elementos, pode compensar e assim manter o equilíbrio psíquico. Porém, a situação é diferente se ele vive em ambientes sociais intensificadores. A carência afetiva, os conflitos constantes, a competição intensa, entre outros processos que demonstram um ambiente social intensificador, tendem a gerar desequilíbrio psíquico grave, a não ser em raras exceções. Isso ocorre pelo motivo de que uma repressão intensa já é penosa para um indivíduo, e ambientes sociais intensificadores tornam quase insuportável o desencadeamento de desequilíbrios psíquicos graves. Somente se as demais determinações (condições de vida, condições físicas, personalidade, momento da vida) forem favoráveis para compensar e permitir que o indivíduo consiga manter um relativo equilíbrio psíquico, desenvolvendo apenas desequilíbrios psíquicos leves.

No caso de indivíduos submetidos a um processo de mais-repressão, dificilmente ele escapa de desequilíbrios psíquicos graves e, muitas vezes, dos gravíssimos. Para estes escaparem dos desequilíbrios psíquicos graves ou gravíssimos, necessitam de ambientes sociais amenizadores e que as outras determinações sejam favoráveis, pelo menos em sua maioria. Caso os ambientes sociais em que vive sejam intensificadores, a tendência para o desenvolvimento de desequilíbrio psíquico grave é poderosa e para os casos gravíssimos é muito forte. Se isso é reforçado por outras determinações desfavoráveis (tomando aqui sua maioria ou totalidade), aí se torna inevitável. Agora, se tais determinações são favoráveis, pode ajudar a evitar um desequilíbrio gravíssimo e, dependendo da quantidade e intensidade dos ambientes sociais, pode possibilitar, com dificuldades, o não desencadeamento de desequilíbrios graves. Dificilmente, no caso de mais-repressão, com ambientes sociais intensificadores, o indivíduo escapa de desequilíbrios psíquicos graves e se isso é acompanhado por outras determinações desfavoráveis, então é praticamente inevitável.

Assim, notamos que a relação entre repressão (e seus efeitos) e ambientes sociais é complexa. Um elemento que deve ser percebido é que não é possível analisar o

análise do caso concreto permite entender isso. Um indivíduo com repressão branda pode suportar condições desfavoráveis em maior quantidade do que um com repressão intensa.

indivíduo apenas pelo prisma da repressão e do seu universo psíquico, pois ele vive em sociedade e em distintos espaços no seu interior. Assim, a psicanálise tradicional que se limita ao indivíduo e seu universo psíquico, chegando, no máximo, à sua família, é bastante limitada. O ambiente social juvenil, ambiente social laboral, entre outros, também são importantes para compreender o dinamismo psíquico individual e o seu maior ou menor grau de equilíbrio ou desequilíbrio. Por outro lado, existem outras determinações que não analisamos, mas não descartamos e serão abordados posteriormente, tais como as condições de vida, condições físicas, personalidade e momento de vida.

Outra percepção nesse processo de análise é que há uma complexidade de relações sociais que cercam o indivíduo e podem ajudá-lo ou atrapalhá-lo no desenvolvimento psíquico. O ambiente social tem um peso importante nesse processo. Os ambientes sociais mais significativos para o indivíduo, bem como aqueles que ele passa a maior parte do seu tempo, são fundamentais nesse sentido. Porém, o indivíduo vive em vários ambientes sociais. Estes, por sua vez, estão determinados pelo ambiente social total que é a sociedade. A conclusão óbvia dessa constatação é que o psicanalista também precisa compreender, minimamente⁷, a sociedade capitalista. A compreensão desta facilita o entendimento dos ambientes sociais, da personalidade do indivíduo, das suas condições de vida, entre outros processos.

Poderíamos aqui acrescentar algumas formas de evasão que aparentemente ajudam o indivíduo a fugir dos desequilíbrios psíquicos. Citaremos apenas o caso do enamoramento e da religião. Aqui entraríamos no âmbito das demais determinações além da repressão e ambientes sociais. O enamoramento cria um microambiente social e a religião, desde que no interior de uma igreja ou seita, um outro ambiente social. Porém, eles podem ser elementos fortes de apoio para o indivíduo, se o ajudarem a diminuir seus

⁷ Minimamente significa compreender os elementos fundamentais desta sociedade, o que implica em conhecer os aspectos básicos do modo de produção capitalista, da sociabilidade burguesa, da cultura e mentalidade, bem como ter noção do seu desenvolvimento histórico (o capitalismo não é estático e suas mutações atingem a todos os indivíduos). Assim, mesmo os psicanalistas que mais buscaram compreender a sociedade moderna, como foi o caso de Fromm (1955), tem graves deficiências de compreensão de suas características e dinâmica, o que dificulta o desenvolvimento da psicanálise social e individual, embora ele tenha ido muito mais longe do que a quase totalidade dos ditos “marxistas” que tentaram se aproximar da psicanálise ou que eram psicanalistas. É preciso entender o processo de produção capitalista de mercadorias (mais-valor), acumulação de capital, entre diversos outros processos. No plano da sociabilidade e da “superestrutura”, é preciso entender a dinâmica relacional presente nas relações sociais e relações interindividuais, bem como o Estado, a cultura, a hegemonia, entre outros processos. Sem dúvida, é, para muitos, algo extremamente difícil. Contudo, não é impossível e com uma bibliografia básica é possível conseguir alcançar tal compreensão mínima e aí só depende do psicanalista se avança para além dela ou não.

problemas e carências. O enamoramento pode suprir a carência afetiva, bem como promover a satisfação sexual. A religião pode amenizar os dilemas existenciais e criar um novo ambiente social amenizador, bem como pode ser mentalmente apaziguador. Ambos podem redirecionar a vida do indivíduo e garantir o seu equilíbrio psíquico. No entanto, isso pode ser apenas aparente. Sem dúvida, se a relação amorosa for satisfatória, ela pode efetivar esse processo. Mas também pode se tornar apenas uma nova catexização e gerar uma relação permeada por desequilíbrio psíquico, especialmente se for o caso de ambos os indivíduos. Mas, mesmo que seja apenas um dos dois acometidos por desequilíbrio psíquico, isso pode gerar obsessão, ciúmes exagerados, entre outros elementos, que pode variar de gravidade dependendo de quem é o indivíduo e seus problemas. Sem dúvida, mesmo para a pessoa que tem uma repressão branda e relativo equilíbrio psíquico, a relação conflituosa e problemática pode acabar sendo uma determinação para que ela desenvolva também o sofrimento e desequilíbrio psíquico⁸.

No caso da religião, dependendo da forma como ocorre, pode significar apenas o desvio do conteúdo do desequilíbrio psíquico para a questão religiosa. Assim, um indivíduo com grave desequilíbrio psíquico que descarregava sua sombra num grupo social determinado pode deslocá-lo para a religião concorrente ou os alheios à religiosidade. Porém, pode ser que o ambiente social de determinada igreja, se for marcada por solidariedade (e não competição, como é o mais comum), atividades prazerosas (no sentido amplo do termo, pois certos “prazeres” não são permitidos nas igrejas), novas amizades, etc., pode realmente contribuir para a reconquista do equilíbrio psíquico. Mas, em alguns casos, é um aparente equilíbrio (geralmente comparado com o anterior, tal como o vício em jogos ou drogas), pois se efetiva à custa da evasão (que, em casos exagerados, é um outro desequilíbrio psíquico, tal como se vê em indivíduos que pregam nas ruas fanaticamente e sem ter público, o que significa que estão distantes da realidade e presos em sua mente religiosa). Outros casos, como dedicação ao esporte, arte, etc., também tem elementos semelhantes, com menos intensidade, e com mais proximidade com o desenvolvimento da persona. O caso da arte pode gerar uma satisfação pelo desenvolvimento da criatividade, embora possa ser manifestação da evasão (e isso muitos junguianos não perceberam).

Assim, a relação entre ambiente (s) social (is) e graus de repressão, são fundamentais para entender a dinâmica psíquica do indivíduo, e por isso requer análises

⁸ Claro que aqui também não se pode descartar as demais determinações (outros ambientes sociais, etc.).

mais profundas não apenas dos indivíduos, mas de suas relações sociais. Dessa forma, o psicanalista consegue avançar no âmbito da psicanálise individual. E o que resta saber é qual é o impacto disso na psicanálise social. Esse deve ser o próximo passo e tema de reflexão.

Referências

COMTE, Auguste. *Système de politique positive ou traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité*. Vol. 02: Contenant la Statique Sociale ou le Traité abstrait de l'ordre humain. 3ª edição, Paris: Larousse, 1890.

FREUD, Sigmund. *Totem and Taboo*. Toronto: Penguin Random House, 1960.

FROMM, Erich. *Beyond the Chains of Illusion*. My Encounter with Marx and Freud. Nova York: Simon and Schuster, 1962.

FROMM, Erich. *The Sane Society*. Nova York: Rinehart & Company, 1955.

MARCUSE, Herbert. *Eros and Civilization*. A Philosophical Inquiry into Freud. 2ª edição, London: Routledge, 1987.